

Relato de Experiência

Tecendo narrativas: um relato de experiência na arte da contação de histórias

Weaving narratives: an experience report in the art of storytelling

Tejiendo narrativas: un relato de experiencia en el arte de contar historias

Andressa Marconi¹ , Ednéia Casagrande Bueno¹ 

¹ Universidade do Vale do Itajaí , Itajaí, RS, Brasil

RESUMO

Este estudo busca trazer à tona a experiência de uma acadêmica de Psicologia envolvendo contação de histórias e o escrever histórias, realizada no Projeto Rondon, em Rondônia, julho de 2024. Debruça-se no experienciar a contação de histórias, além de refletir sobre os impactos da escrita, sobretudo quando se propõe a escrever sobre coisas simples. No que tange aos objetivos, reflete-se o caráter de testemunho que eles carregam, considerando os significados que cada ser humano destina a eles, podendo ser evocadores memoriais e narradores de histórias. Inicialmente, houve a contação de histórias, o que permitiu reflexões sobre a experiência da narração. Em seguida, realizou-se atividades de escrita com os participantes, focando na criação de textos, que no caso, consistiam em minicontos sobre objetos simples. A troca desses textos durante o encontro tornou a experiência ainda mais significativa, à medida que os participantes trouxeram à tona narrativas sensíveis construídas a partir do objeto proposto.

Palavras-chave: Literatura; Contação de Histórias; Extensão

ABSTRACT

This study aims to highlight the experience of a Psychology student involving storytelling and writing, conducted during the Rondon Project in Rondônia, in July 2024. It focuses on the storytelling experience and reflects about the impact of writing, particularly when one chooses to write about simple things. Regarding the objectives, the testimonial nature they carry is emphasized, considering the personal meanings each individual assigns to them, which can evoke memories and tell stories. Initially, the participants told their stories, which allowed them to reflect on the narrative process. Subsequently,

writing activities were conducted, encouraging participants to create texts, which in this case, consisted of short stories about simple objects. The exchange of these texts during the meeting enriched the experience, as participants shared sensitive narratives inspired by the proposed object.

Keywords: Literature; Storytelling; Extension

RESUMÉN

Este estudio busca destacar la experiencia de una estudiante de Psicología que involucra la narración de historias y la escritura de relatos, realizada en el Proyecto Rondon, en Rondônia, en julio de 2024. Se enfoca en la vivencia de contar historias y en la reflexión sobre los impactos de la escritura, especialmente cuando uno elige escribir sobre cosas sencillas. En cuanto a los objetos, se destaca el carácter testimonial que llevan consigo, considerando los significados personales que cada ser humano les asigna, los cuales pueden evocar recuerdos y contar historias. Inicialmente, se llevó a cabo la narración de historias, lo que permitió reflexionar sobre la experiencia narrativa. Posteriormente, se realizaron actividades de escritura con los participantes, centradas en la creación de textos, que en este caso, consistieron en cuentos cortos sobre objetos simples. El intercambio de estos textos durante el encuentro enriqueció aún más la experiencia, ya que los participantes compartieron narrativas sensibles construidas a partir del objeto propuesto.

Palabra-clave: Literatura; Narración de historias; Extensión

1 INTRODUÇÃO

O Projeto Rondon caracteriza-se como o maior projeto de extensão do Brasil, ao reunir participantes em uma ação interministerial em parceria com as Forças Armadas e instituições de ensino superior. Seu objetivo consiste em reunir universitários voluntários em ações que contribuam para o desenvolvimento sustentável nos municípios contemplados, por meio do ofício das habilidades universitárias, colaborando significativamente com a cidadania e o Desenvolvimento Nacional. Além disso, a extensão também ocasiona aos estudantes a oportunidade de sair das salas de aula, vivenciando na prática diferentes aspectos da realidade brasileira. O Projeto abrange áreas como Cultura, Direitos Humanos, Justiça, Educação, Saúde, Comunicação, Produção, Tecnologia, Trabalho e Meio Ambiente Ministério da Defesa (2006).

A literatura, por sua vez, é uma ferramenta capaz de escancarar as finuras próprias do ser humano. A partir dela, pode-se refletir acerca da relação pessoa-mundo. O escrever parece se desvelar de uma necessidade inadiável de expressão, de

testemunho, o que torna interessante refletir pela ótica de Duras (1994, p.26), quando pontua que um escritor “é uma contradição absurda, pois escrever é também não falar. É se calar”. Sendo manifestada na linguagem, tem como aspecto essencial o não ser unívoca, possibilitando copiosas interpretações. E é por intermédio desses escritos que a literatura vem se construindo, sendo possível sonhar, aprender, testemunhar e transmitir o conhecimento e a história civilizacional construída.

No entanto, quando nos prestamos a contar histórias, é este um modo de experienciar o mundo de maneiras diversas. Para Lemos e Silva (2012), as verdades curativas entrelaçam-se a partir da interação entre tramas pessoais literárias. A experiência da contação convida o ser humano a adentrar no reino da magia, em que outras vivências se tornam possíveis. O encantamento das histórias tem a habilidade de capturar o ouvinte, não importa onde ele esteja, especialmente quando o “Era uma vez” continua a exercer seu impacto e a abrir possibilidades para aqueles que vivenciam a contação de histórias.

As histórias fazem parte do arcabouço civilizacional e, em diferentes épocas, serviram a diversos povos e culturas como um meio de iluminar momentos especiais, entreter públicos e resgatar laços afetivos. No caso específico da contação de histórias, é por meio dessas narrativas que a atenção consciente do ouvinte é capturada e, por meio das alegorias e metáforas presentes nas narrativas, os mecanismos de defesa são suavizados. Radino (2003) afirma que a fantasia serve como um meio de acesso ao inconsciente, permitindo que o ouvinte explore e internalize as possibilidades apresentadas nas histórias, sendo esta uma maneira de enfrentar nossas angústias e atender nossos desejos, constituindo-se como “nosso combustível interno desde o nascimento” Radino (2003, p.18).

Para que a façanha da narrativa aconteça é importante que o lugar seja preparado, a história cuidada e que o ouvinte se sinta acolhido pelo aconchego do cenário. Neste contexto, Cavalcanti (2009, p. 65) chama a atenção para o fato de que existe um ritual envolvido na contação de histórias: “Que os ouvintes sejam preparados para a entrega,

que possam confiar naquele que narra, pois penetrar nas densas florestas, cabanas nos bosques, mares sem fim, castelos encantados, grutas e cavernas exige confiança”.

Nessa lógica, os contos dão forma aos desejos e aguçam a imaginação infantil, corroborando o processo de simbolização, cuja linguagem é a da emoção, da afetividade. Benjamin (1994) pontua que “quanto mais o ouvinte esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido” (p. 205), portanto é este um movimento indispensável para que os impactos ocorram ao experienciar a narrativa.

De acordo com Spalding (2008), a evolução do conto originou o gênero miniconto. Esse novo gênero foi reconhecido nos Estados Unidos em 1880, intitulado como “Short story”. É considerado não apenas uma história curta, mas um gênero independente e com características próprias. Seus primeiros estudos teóricos foram principiados pelos Irmãos Grimm e Edgar Allan Poe Cristina; Pereira (2019).

No conto breve, o autor é capaz de realizar a plenitude de sua intenção, seja ela qual for. Durante a hora de leitura atenta, a alma do leitor está sob o controle do escritor. Não há nenhuma influência externa ou extrínseca que resulte de cansaço ou interrupção Poe (1981, p. 45).

Portanto, conclui-se que essa narrativa utiliza os recursos de forma extremamente eficiente, concentrando-se apenas no essencial para maximizar a expressividade, o que resulta num impacto imediato sobre o leitor. Sob este viés, o miniconto é breve, pois se caracteriza não apenas pelo tamanho, mas por falar apenas o necessário. Isso exige que o escritor revise o texto para remover qualquer elemento que não seja essencial à informação e ao efeito desejado. Sendo assim, é essencial considerar o miniconto não apenas em termos de extensão, mas também em relação à sua forma e conteúdo.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

2.1 Caminhos percorridos

A metodologia deste trabalho está pautada no relato de experiência de uma acadêmica de psicologia na extensão universitária “Projeto RONDON”, que aconteceu

no mês de julho de 2024 no Município de Cacaulândia em Rondônia. A proposta contempla a descrição de atividades, de cunho qualitativo. Uma das oficinas realizadas foi a de “Contação de Histórias e Criação de Minicontos”.

Este estudo também se apoia nos registros de um diário de campo. O que possibilita o reconhecimento de impressões, falas, cenas, reflexões e inquietações do encontro. O autor Cruz Neto (2001, p. 51) pontua diário de campo como um “amigo silencioso”, no qual diariamente podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas.

Walter Benjamin (1994, p. 201) discute sobre a narração ao afirmar que: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. Nesse contexto, ao contar uma história, ocorrem dois movimentos: um no narrador, que compartilha sua vivência, e outro no ouvinte, que se envolve na experiência da narração.

Esta oficina aconteceu com professores e profissionais da educação infantil e ensino fundamental I do município e teve como objetivos: a) compreender e refletir acerca da contribuição da literatura - gênero contos - nos modos de subjetividades desde a infância até a idade adulta; b) narrar histórias e escrever sobre coisas corriqueiras; e c) refletir as implicações do pensar a partir do momento em que se dispõe a escrever sobre coisas simples do cotidiano e sua representatividade.

A oficina foi realizada em dois momentos: no primeiro narramos a história do livro infantil “Lino” de André Neves, seguido de reflexão sobre a mesma. Foi possível refletir no que pontuou Walter Benjamin, quando escreveu que “A arte do narrar está definindo (...) ela se perde porque ninguém fia ou tece enquanto ouve história” (p. 200, 1994).

O segundo momento da oficina se destinou à escrita um miniconto sobre uma xícara, sendo mostrado aos participantes uma xícara que escolhemos aleatoriamente na cozinha da escola em que a oficina acontecia. A ideia era refletir sobre a escrita como algo simples, além dos significados que atribuímos aos objetos. Após escreverem, os participantes puderam socializar seus minicontos, se assim o desejassem.

O processo de tecer descrito abaixo corresponde aos resultados e discussão deste relato de experiência, no qual serão utilizados seis trechos dos escritos dos participantes, cujos nomes reais não foram mencionados a fim de mantê-los em anonimato.

2.2 O processo de tecer

“[...] esse objeto vale o ar” (Clarice Lispector, 1999).

Assim que chegamos à escola, identificamos na cozinha uma xícara de uso cotidiano, que seria o objeto sobre o qual os participantes escreveriam. Vale ressaltar que antes de iniciar a oficina, caminhando pela escola e perguntando às pessoas o que elas sentiam enquanto olhavam a xícara, a grande maioria relacionou a xícara com lembranças da “avó” e “casa de avó”.

A oficina iniciou com a leitura de “Lino”, livro infantil de André Neves. Trata-se de um livro que a acadêmica conheceu através de uma criança que cuidou há alguns meses. Propositamente fez questão de iniciar o encontro com um livro infantil com a finalidade de não apenas sensibilizar, mas refletir acerca do efeito da contação de histórias em crianças e, também, nos adultos. Isso acontece porque, com o tempo, as pessoas geralmente perdem o hábito de contar e ouvir histórias, assim como de se sensibilizar com elas. Durante a contação da história “Lino”, fez-se um silêncio atento entre os participantes, os olhares fixos na acadêmica, semelhante ao momento em que os alunos, atentos, observam e escutam a professora no anseio de aprender algo novo. Após a leitura, discutimos as impressões sobre o texto. A contação foi encerrada com o questionamento sobre o momento em que paramos de contar e ouvir histórias para dormir.

A seguir, iniciamos o segundo momento da oficina, apresentando o objeto sobre o qual eles seriam instigados a escrever: a xícara que foi recolhida da cozinha da escola.

Joaquim, um dos participantes da oficina, ao observar o objeto logo começou a escrever, e a descreveu como: “(...)perfeitamente circular, embora orelhudinha, diferente de seus amigos de armário, não existe um bom cafezinho sem sua presença”, além disso

a xícara também lhe parecia *“floridinha e decorada de um jeito único, as pétalas de suas flores pintadinhas, de forma que exista um belo casamento com seu pratinho. No fim, dona xícara faz parte, e se encaixa, em um lugar especialmente dela”*. A surpresa na socialização do escrito de Joaquim foi a atenção aos detalhes, que de uma maneira poética deu ainda mais vida ao objeto.

A única orientação era que observassem a xícara e escrevessem sobre ela. César, por sua vez, optou por escrever um gênero fantasioso: *“Havia uma xícara que era procurada por todos, mas era guardada por um guardião. Certo dia uma garota aventureira foi ao encalço dela, para que conseguisse ajudar sua família. (...) na caverna, a garota encontrou um guardião que a desafiou em um duelo...”*. Aqui chamamos a atenção para aqueles que se permitem adentrar o mundo lúdico, deixando o “Era uma vez” exercer seus impactos na rotina da vida adulta. Por outro lado, podemos refletir sobre o quanto um objeto simples, do cotidiano, pode remeter às questões desafiadoras pelas quais o indivíduo passa.

Lana escreveu que *“seus detalhes lembram a delicadeza da casa da minha avó, quando olhos as pequenas flores, vem o cheiro do pão quentinho e da cuca, que nunca mais irei provar”*. Nesta socialização, fica perceptível a ternura que grande parte dos participantes direcionaram à xícara, possibilitando refletir acerca dos significados que atribuímos aos objetos, além de evidenciar as brechas e as possibilidades de escrever sobre coisas simples.

Já Joana, reconheceu no objeto *“Uma folha, várias folhas, de plantinhas diferentes, aromáticas, de um cheirinho único que, misturados à água quente, perfumam a casa.”*, ressaltamos aqui como o escrito foi intitulado pela participante: *Saudades*. Fica evidente o sentimento terno direcionado ao objeto em questão. Joana também socializou ao fim da oficina e a forma como contou sua história ficou marcada nos participantes.

Madalena, a diretora da escola, também fez a socialização de seu enredo, em que relatou que havia ganhado a xícara há três anos de seu filho, que havia se mudado para outro país para estudar. A participante escreveu incorporando seu filho: *“mãe, entrego esta xícara com flores ao lado que significa que mesmo estando longe você será a*

melhor flor do meu jardim.” ainda complementa “(...) *sua brancura é nosso amor, pois é nascente e puro. Estaremos sempre ligados a esse laço*”. Madalena e sua vivência foram o ponto central da oficina, considerando que a xícara pertencia a ela.

Como desfecho dos escritos, deixamos em evidência um último escrito que diz “*eu gosto muito desta xícara*”. Eulália, a cozinheira da escola, após fazer a socialização de sua frase, relatou que lavava a xícara todos os dias com muito cuidado e amor, pois sabia o quanto aquela xícara representava para sua colega de trabalho - tanto que ficou temerosa quando aquela xícara foi escolhida horas antes, mas não pode manifestar-se a respeito no momento.

Fica perceptível, através dos escritos supracitados, o sentimento de cada indivíduo endereçado ao objeto. Para um apenas uma xícara, para outro um objeto repleto de sentimentos, ou então memórias. Isto evidencia que os objetos, mesmo aqueles do cotidiano, podem ser mais especiais para algumas pessoas do que para outras, e que esta percepção pode não ser detectada no dia a dia se não nos concentramos no presente, no momento vivido.

As pessoas que se sentem encantadas pelo universo material e por sua biografia, descobrem nas coisas mais do que matéria. Em “Um Sopro de Vida”, Clarice Lispector narra sobre a vida de um escritor e a relação conturbada que ele tem com sua personagem-espelho, Ângela. Os dois, o escritor e Ângela, estão escrevendo um livro, ao decidir escrever sobre as coisas: “nem sei como começar. Só sei que vou falar no mundo das coisas. Eu juro que a coisa tem aura”¹. A personagem faz menção a tudo que é concreto, mas também às palavras. No decorrer da narrativa ela expõe sua relação com broches, relógios, bules, dentre outros objetos. Humanizando o objeto solitário, ela o percebe com uma aura, um papel, conferindo vida e personalidade àquilo que aparenta ser imóvel.: “[...] o broche é sério. Ele prende, ele pesa, ele espera. E quando é desfechado - tudo fica nu, caem os panos e os seios brancos parecem róseos. O broche é um ponto final”². Deste modo, Clarice nos apresenta com uma façanha sem igual a imaterialidade dos objetos. Dá a dimensão de como são importantes para a

¹LISPECTOR, Clarice. Um Sopro de Vida. 1999, p. 103.

²LISPECTOR, Clarice. Um Sopro de Vida. 1999, p. 103.

construção da identidade, da vida de cada indivíduo. Ao falar da aura que as coisas possuem, e ao defini-las, escreve: “[...] de agora em diante estudarei a profunda natureza morta dos objetos vistos com delicada superficialidade, e proposital, porque se não fosse superficial se afundaria em passado e futuro da coisa”³.

Nery (2017) ao citar Thierry Bonnot (2014), enfatiza que os objetos não nascem com tais funções e significados, estes são conferidos a eles ao longo de sua trajetória de vida social, permeado na relação com os sujeitos. Ainda, refletimos no que pontuou Nery (2017) ao destacar que os objetos carregam um caráter de testemunho, uma vez que podem ser representativos de algo ausente - como observado nos escritos de Madalena, Joana e Lana.

O desfecho da oficina foi a socialização dos minicontos escritos pelos participantes, que resultou em um momento de muitas emoções. Vale ressaltar que iniciamos a oficina com contação de histórias, passamos pela escrita de um miniconto e retornamos ao início, concluindo do mesmo modo: com contação de histórias repletas de significados, mas dessa vez, tendo os participantes como autores.

Aqui nos colocamos a falar de nossos afetos no decorrer da experiência: desde o início, quando percebemos a atenção e o carinho dedicados tanto à leitura do livro quanto ao compartilhamento de suas histórias, sentimos uma alegria por todo o corpo, o sorriso escapava no rosto e, se não choramos, foi por conseguir segurar de forma resistente. Se fôssemos capazes de definir esse sentimento, seria uma espécie de “alegria mansa”⁴, como diria Clarice Lispector.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois grandes objetivos desta oficina resultam em apreciar a contação de história e resgatar o sentimento a partir dessa escuta. Somado a isso, além dos efeitos do escrever, refletir sobre o que acontece quando nos dispomos a escrever sobre coisas simples do cotidiano também foram objetivos da oficina. E como, mesmo direcionando nossa atenção às coisas simples, ainda assim falamos e carregamos muito de nós, nos

³LISPECTOR, Clarice. Um Sopro de Vida. 1999, p. 105.

⁴LISPECTOR, Clarice. Onde estivestes de noite, 1985.

parece então que ao escrever sobre um objeto, falamos ainda mais sobre nós, mesmo que numa tentativa de nos disfarçamos por meio de um mero objeto. Essa reflexão ficou evidente nos escritos, tanto no caso de Madalena, que direciona a lembrança da xícara ao filho, que a presenteou, como no caso de Joana e Lana, que remetem a memórias antigas, como a casa de familiares ternos.

Desta forma, evidencia-se a relevância de oficinas de capacitação para profissionais da educação neste contexto da contação de histórias e de criação de minicontos, para que os mesmos possam replicar essa atividade com seus alunos e assim, manter desperta a curiosidade e as reflexões sobre o escrever e pensar o cotidiano, ao mesmo tempo que mantém a atenção dos alunos no momento presente. Assim, tenciona-se que outros projetos nesse sentido sejam fomentados, considerando os afetos partilhados e produzidos no campo.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. (1994). O narrador. In: BENJAMIN, W. (Ed.). **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7a. ed. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, p. 197-221.
- BRASIL. Ministério da Defesa. **Projeto Rondon**. Disponível em: http://www.defesa.gov.br/projeto_rondon. Acesso em: 10 set. 2024.
- CAVALCANTI, J. Caminhos Da Literatura Infantil. 3a ed. São Paulo, **Paulus**, 2009.
- CRISTINA, T.; PEREIRA, M. "MINICONTO". [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/6231/4/TCMPereira.pdf>. Acesso em: 13 set. 2024.
- DURAS, M. Escrever. Trad. Rubens Figueiredo, Rio de Janeiro: **Rocco**, 1994, p.26.
- EDGAR, A. POE: FICÇÃO COMPLETA, POESIA & ENSAIOS (um volume). **Org. trad. Oscar Mendes & Milton Amado**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.
- LEMONS, A. et al. A função terapêutica da arte de contar histórias. [s.l: s.n.]. Disponível em: <http://www.neliufpe.com.br/wp-content/uploads/2012/06/01.pdf>. Acesso em: 15 set. 2024
- LISPECTOR, Clarice. Um sopro de vida. Rio de Janeiro: **Rocco**, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. Onde estivestes de noite, Rio de Janeiro: **Nova Fronteira**, 1985.
- NERY, O. S. Objeto, memória e afeto: uma reflexão. **Revista Memória em Rede**, v. 9, n. 17, p. 144, 11 jun. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/rmr.v9i17.11383>. Acesso em: 15 set. 2024.

RADINO, G. Contos de fada e realidade psíquica. A importância da fantasia no desenvolvimento. São Paulo: **Casa do Psicólogo**, 2003.

SPALDING, M. Os cem menores contos brasileiros do século e a narratividade no microconto brasileiro contemporâneo. **Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 6, n. 12, 30 dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.35520/flbc.2014.v6n12a17304>. Acesso em: 15 set. 2024.

WOOD, J. Como funciona a ficção. São Paulo: **Cosac Naify**, 2012.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Andressa Vitoria Marconi Bueno

Acadêmica de Psicologia, Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, co-fundadora da LAPES (Liga Acadêmica de Performatividades, Estética e Subjetividades) e co-organizadora do Grupo de Literatura na UNIVALI.

<https://orcid.org/0009-0002-3154-306X> · andressabueno@edu.univali.br.

Contribuição: Conceitualização, Metodologia e Escrita - primeira redação.

Ednéia Casagranda Bueno

Farmacêutica-Bioquímica; Mestre e Doutora em Ciências Farmacêuticas pela Universidade de São Paulo - USP; Pós-Doutora pelo Centers for Diseases Control and Prevention/USA; Professora dos cursos de Biomedicina e Farmácia na UNIVALI; Professora responsável pelo Projeto Rondon na UNIVALI.

<https://orcid.org/0000-0002-2097-6962> · ecbueno@univali.br.

Contribuição: Supervisão, Escrita - revisão e edição.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

MARCONI BUENO, A. V.; CASAGRANDA BUENO, E. Tecendo Narraivas: um relato de experiência na arte da contação de histórias **Experiência. Revista Científica de Extensão**, DOI: 10.5902/2447115189013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/experiencia/article/view/89013>. Acesso em: xx/xx/xxxx.

EDITORA CHEFE

Cláudia Regina Ziliotto Bomfá